

A vibrant, stylized illustration of a diverse group of people of various ethnicities, ages, and genders. The characters are depicted with flat colors and simple features, creating a modern, graphic look. The background is a mix of dark and light colors, making the characters stand out. The overall composition is dense and colorful, representing a multicultural and inclusive community.

Capítulo 2

O UNIVERSO DAS INFÂNCIAS QUEERS NO ESPAÇO

ESCOLAR

O UNIVERSO DAS INFÂNCIAS QUEERS NO ESPAÇO ESCOLAR

THE UNIVERSE OF QUEER CHILDREN IN THE SCHOOL SPACE

Ana Paula Bezerra de Farias¹

Paulo Bezerra de Farias Filho²

Jusseny Ferreira Rodrigues³

Resumo: As manifestações sexuais e de gênero observadas no espaço escolar ainda são trabalhadas de forma superficial por parte de alguns professores e que as contribuições de Berenice Bento sobre o gênero e a sexualidade assim como Guacira Lopes Louro têm trazido para a Educação no tocante da sexualidade não estão sendo tão discutidas no âmbito escolar. Sob essa égide, a sociedade humana mantém-se polarizada no sistema do binarismo (atribuições, comportamentos, práticas de menino X de meninas) excluindo e silenciando as minorias crescentes. E que ainda em pleno século XXI o trabalho pedagógico voltado para as questões de gênero, sexualidade e diversidade permanecem sendo reproduzidos de maneira reprimida calcado em muito preconceito e que os profissionais da educação não foram contemplados em sua graduação de disciplinas voltadas para Educação Sexual e, em virtude disso sentem-se com certo desconforto ao abordar tal temática pois os mesmos são frutos de um sistema sexista dominante e, assim sendo transpõe para sua vivência escolar tal postura demonstrando apatia e desrespeito para com as diferenças. Para que possamos mudar esse cenário propomos um trabalho voltado para que as crianças queers possam se identificar no espaço escolar de forma que se

1 Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Veni Creator Christian University -FL

2 Mestrando do Curso de Ciências da Educação da Veni Creator Christian University -FL

3 Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Veni Creator Christian University -FL



sintam pertencentes a esse espaço como sendo um lugar de construção do ser e a aceitação do outro em todas as suas particularidades, emoções, sentimentos, pois a partir do momento em que entendemos a escola como espaço de pertencimento e aceitação do ser enquanto construto histórico e social é garantir a criança e aos seus familiares um ambiente onde não exista restrições e silenciamentos, onde a criança possa de forma contundente não ser alvo de rejeição pelo simples fato de ter rompido com as barreiras dos tidos como “normais” mas que seja aceita e respeitada enquanto ser, por isso, este mesmo não sendo pioneiro na temática, mas visa ser mais uma possibilidade de entendimento da mesma procurando preencher algumas lacunas existentes entre a sexualidade infantil e o trabalho docente.

Palavras chaves: binarismo – Educação Sexual – criança queer

Abstract: The sexual and gender manifestations observed in the school space are still superficially worked by some teachers and that the contributions of Berenice Bento on gender and sexuality as well as Guacira Lopes Louro have brought to Education regarding sexuality are not being discussed in the school environment. Under this umbrella, human society remains polarized in the system of binarism (attributions, behaviors, boy-girl practices) excluding and silencing growing minorities. And that even in the 21st century, pedagogical work focused on gender, sexuality and diversity issues continues to be reproduced in a repressed way based on a lot of prejudice and that education professionals were not included in their graduation of disciplines focused on Sexual Education and, as a result, they feel uncomfortable when approaching such a theme, as they are the result of a dominant sexist system and, therefore, transposes such a posture to their school experience, demonstrating apathy and disrespect for differences. So that we can change this scenario, we propose a work aimed at queer children can identify themselves in the school space so that they feel belonging to this space as a place of construction of the being and the acceptance of the other in all its particularities, emotions, feelings, because from the moment we understand the school as a space of belonging and acceptance of being as a

historical and social construct, it is to guarantee the child and their families an environment where there are no restrictions and silences, where the child can forcefully not be the target of rejection for the simple fact of having broken with the barriers of those considered “normal” but that it is accepted and respected as a being, therefore, even though it is not a pioneer in the theme, it aims to be another possibility of understanding it. trying to fill some gaps between child sexuality and teaching work.

Keywords: binarism - Sex Education - queer child

Introdução

Sendo a infância, analogicamente ligada à inocência é a partir de então que outras atribuições são dadas à primeira fase da vida humana. Visto que é nessa conjuntura de desenvolvimento que a criança passa por uma série de transformações na construção e descoberta do seu ser onde as mesmas acontecerão nos aspectos emocionais e físico. E lidar com tais alterações de desenvolvimento requer que tenhamos enquanto profissionais da educação um alicerce que nos guiará na desenvoltura de um processo de aprendizagem significativa partindo de uma prática pedagógica direcionada e aberta as diferenças. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’S (BRASIL, 1997) o ser humano inicia sua sexualidade desde seu nascimento através dos primeiros contatos com sua mãe e o acompanha até a velhice. Sendo assim, a sexualidade vai além da mera capacidade reprodutiva e não está estritamente ligada à busca pelo prazer da conjugação carnal. Por outro lado, tanto a sociedade quanto a cultura vão construindo padrões “aceitáveis” ao longo da história do que é ser “homem” e do que é ser “mulher” e qualquer forma que vá de encontro a tais padrões são tidos como “diferentes” e anormais”, ou seja fora do contexto.

A partir de então, inicia-se uma jornada que perpassa os tabus e preconceitos e chega mesmo a rejeição daqueles indivíduos que ultrapassaram as barreiras “normais” dos indivíduos “machos

(pênis) /homens” e “fêmea (vagina) /mulheres” que compõem a sociedade binária. Ao lidarmos com a sexualidade infantil sem nos aprofundarmos do tema é tão somente jogarmos para as nossas crianças nossos valores e crenças obtidos pelo convívio com os nossos familiares, assim estamos transpondo o que julgamos ser o certo e o errado para as nossas crianças sem nos preocuparmos em sabermos o que se passa com eles, ou seja, como se sentem, quais suas dúvidas, angústias, medos. Desta forma vamos atropelando essa fase importante da vida, a da descoberta do seu próprio corpo, do ser em formação pelo simples fato de que aprendemos que a sexualidade só pode ser vista como reprodutiva e só poderá ser aceita entre os sexos opostos. E, assim, estamos negando à criança a segurança das informações pelo simples fato de que ainda entendemos a sexualidade como algo feio e indecoroso.

Nesse sentido se faz necessário que pais e professores possam oferecer visões diferentes e enriquecedoras que estejam preparados para tais situações e não simplesmente inibam à criança ou que simplesmente lidem com o tema sexualidade como algo proibido prevenindo assim futuros problemas em relação à sexualidade das crianças, promovendo o amadurecimento sem traumas, preconceitos ou medos e fornecendo-lhes também uma base sólida para as futuras escolhas afetivas.

Portanto, o intuito deste artigo mesmo não sendo pioneiro no tema, mas vir a ser uma possibilidade de algumas reflexões sobre a sexualidade infantil, identidade de gênero e diversidade mundo infantil e ainda uma forma de entender o universo do ser em formação facilitando suas futuras escolhas afetivas de modo a corroborar com os leitores de posse de informações concisas e precisas acerca do tema em estudo.

Sexualidade infantil no ambiente escolar

As manifestações sexuais e de gênero observadas na escola ainda são trabalhadas de maneira inapropriada, isso porque a maioria dos profissionais de educação ainda apresentam certa dificuldade em lidar com assunto em seu cotidiano. Em virtude dessa constatação se faz necessário que escola



promova um trabalho educativo voltado para tal temática e que atenda a todos/as sem restrições ou silenciamentos. Mediante isto Braga, psicóloga e autora de alguns livros sobre a sexualidade infantil afirma que:

A escola pode deixar de ser um espaço de opressão e repressão na questão da sexualidade. Para se tornar um ambiente efetivamente seguro, livre educativo para todas as pessoas. E, hoje, não é mais possível que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas ou que sejam tratadas com deboche ou indignação moral. E os/as pedagogos/as têm uma importante ação nesse sentido (BRAGA, 2010, p. 280).

Maio (2011) Psicóloga e professora da Universidade Federal de Maringá reforça a ideia de que a educação sexual tem como função romper com as barreiras do silêncio e da hipocrisia tão enraizados na cultura social. Com tal afirmação compreendemos que as atribuições que são dadas a sexualidade e ao gênero são impostas tradicionalmente e culturalmente e existem há muitos séculos e que as mesmas seguem de maneira evidente na sociedade atual quer seja no ambiente familiar e escolar. Driblar tais barreiras implica em investir na inserção da temática sexualidade e gênero na formação de professores e que, o silêncio encontrado nesses profissionais seja rompido e que a sexualidade deixe de ser ocultada, uma vez que as crianças são proibidas de falar sobre suas inquietações, medos, alegrias, angústias como também de seus próprios corpos. Camargo, Dra. em Educação e autora de temas sobre formação de professores e práticas pedagógicas traz a importância dos currículos na formação docente quando comenta o seguinte:

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de

uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p. 50).

A partir do trecho acima, Camargo afirma sobre a importância de ser proporcionar aos profissionais de educação uma formação voltada para a sexualidade, pois considera a sala de aula um laboratório de temas diversos com variados contextos e experiências vividas por cada aluno e aluna no interior da escola. Assim cabe aos profissionais de educação direcionar seus estudos para que haja uma ruptura tanto dos preconceitos quanto das discriminações acerca da sexualidade infantil tornando-se assim fundamentados da temática e prontos para encarar as crianças com sua curiosidade. De modo que eles precisam ter autenticidade, empatia e respeito para com a diversidade uma vez que a maioria das famílias estão falhando nesse aspecto cabe a escola preencher as lacunas de informações, possibilitando as discussões das emoções e valores erradicando assim os preconceitos arraigados na sociedade binária. É notório que a maioria das escolas ainda não preparam seus educadores para a demanda da sexualidade infantil assim, na falta dessa preparação quando os mesmos se deparam com tais situações cotidianas não sabem lidar, emudecem, bloqueiam em tais circunstâncias que um dos seus primeiros impulsos é repreender, gritar com as crianças. Diante disso, vemos na sexualidade infantil a possibilidade de trabalharmos com a subjetividade de cada criança, de modo que cada uma vai se desenvolvendo conforme suas vivências, companhias, ensinamentos e nas suas relações e interações com os outros e com o mundo que a cerca, para isso se faz necessário que o educador (a) tenha um posicionamento adequado, sem preconceito para lidar com esse tema.

Os espaços híbridos nas escolas: a oportunidade de ser e se fazer entender no espaço escolar

No cotidiano escolar ainda percebemos em pleno século XXI que o trabalho pedagógico



voltado para as questões de gênero, sexualidade e diversidade ainda permanecem sendo reproduzidos de maneira reprimida calcado em muito preconceito que é velado ou não. Vimos ainda educadores ridicularizando as questões de gênero através de anedotas homofóbicas, machistas e sexistas dentro da sala de aula denotando assim a prevalência de que o heterossexismo continua sendo a lei. Comumente o tema sexualidade não é discutido em sala, na escola, pois é tido como da natureza de Deus. Assim, se faz necessário criar um espaço educativo-pedagógico com o exclusivo intuito de educar para emancipar tendo como principal objetivo compreender as diferenças e suas implicações na vida social.

Assim, trabalharmos com as múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano infantil requer pensarmos em ambientes que sejam híbridos, que se alteram e modificam-se formando-se outras possibilidades. Desta forma, os materiais destinados às brincadeiras infantis não precisam estar separados de forma imperativa como “brinquedos de meninos” e brinquedos para meninas” e sim, pensarmos em espaços que possuam elementos variados e que se relacionem entre si e que promovam ações em que as crianças possam agir e interagir sobre eles. De forma consoante, entendemos que parte de tais colocações fica demarcado o respeito aos diferentes gêneros, contemplando não apenas determinadas características biológicas, mas sim, sujeitos sociais, constituídos e pertencentes a uma cultura, gênero, identidade de gênero e diversidade.

Desta maneira, o espaço dedicado para as brincadeiras vai se constituindo em uma possibilidade de desconstrução de certas ideias que segregam as crianças impossibilitando-as de compartilhar dos diversos materiais, brinquedos, ou seja, de participar de diversas formas na arte do brincar e poder se expressar através da interação com o lúdico deixando transparecer suas emoções e sentimentos na convivência do “eu com eu” e do “eu com os outros”.



Figura 01 Imagens Google. espaço pedagógico criativo. Meninos e meninas brincando

As brincadeiras por si só refletem no universo lúdico a experiência de cuidar dos outros, portanto, restringir e demarcar imperativamente que “bonecas são para meninas” estamos impedindo que os meninos explorem todas as suas potencialidades. Pois sabemos que a questão de gênero é construída ao longo da vida e que, antes dos dois anos a criança ainda não reconhece o que é ser “para menino” ou o que é “ser para menina” essa classificação só começa a ganhar notoriedade a partir do momento em que a sociedade começa a estabelecer o que é permitido para ambos. E é justamente a partir daí que as regras e normas vigentes na sociedade e que vão traçar os caminhos a serem percorridos por meninas e meninos vão sendo colocadas em prática e as crianças vão sendo imergidas nesse envoltório de segregação e limitações onde de acordo com o seu sexo biológico deverá se comportar ao longo de sua vida não sendo aceitável qualquer forma de transgressão.

Em razão disto, a revista Superinteressante, traz à tona o seguinte questionamento: Por que meninos não brincam de bonecas? Tendo em vista que a criança já nasce imersa em uma sociedade sexista e preconceituosa onde as normas de comportamento já estão impregnadas nas fendas conservadoras que não conseguem enxergar que os brinquedos e as brincadeiras não pertencem a um sexo ou gênero. Precisamos desmistificar tais imposições sociais e proporcionar às crianças a liberdade

para brincar com o que quiserem



Figura 02 Revista superinteressante.com.br Por que meninos não brincam de bonecas?

Carrinho para eles e boneca para elas? Nada disso.

Por Giovana Marchetti - Publicado em 20 dez 2017

O trabalho realizado na Educação Infantil referente e relacionado as diversidades se tornam primordiais para a qualidade do ensino, uma vez que as crianças possuem diferenças de temperamento, atitudes, credo religioso, gênero, etnia, características físicas, habilidades e de conhecimentos, por isso, deve-se criar situações de aprendizagem em que a questão da diversidade seja abordada nessas instituições.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil “para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição” (BRASIL, 1998, p.41). Porém, questionamos sempre... O que é ser diferente? Em resposta a tal indagação precisamos estar atentos para com os nossos alunos divergentes, pois somos diferentes enquanto origens no que diz respeito as histórias de vida e que, não podemos de maneira alguma negar tais diferenças ou simplesmente não reconhecê-las e silenciá-las pois os mesmos são seres concretos, sociais, culturais

e históricos. Desse modo, essa pluralidade cultural que nos chega no interior da escola precisar ser encarada como matéria-prima de uma aprendizagem significativa e de forma alguma deve ser tratada como apenas conteúdo de uma aula especial ou em momentos determinados em sala de aula. Em virtude disso, constatamos que um dos grandes desafios da educação em se tratando de sexualidade, gênero e diversidade na Educação Infantil está atrelado puramente na interação do processo de ensino e aprendizagem tendo como marco inicial a comunicação e a troca de experiências para que possamos eliminar certas práticas excludentes e discriminatórias tão presentes no contexto social.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil confirmam a proposta apresentada pelo Referencial Curricular e apontam que o trabalho pedagógico realizado dentro das instituições de Educação Infantil deve assegurar “a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência” (BRASIL, 2010, p.21).

E, ainda mais que essas Diretrizes concebem a criança como “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva” (BRASIL, 2010, p.12). Por isso, precisamos nos desvencilhar de algumas amarras e preconceitos tirando assim o respeito para com a diversidade do papel e pondo em prática incluindo no dia a dia escolar das instituições de ensino, principalmente na Educação Infantil, um ambiente adequado para a formação dos valores humanos dos seres em formação.

O queer na Educação Infantil

Respaldados nos estudos de Guacira Lopes Louro (2011) entendemos que as normas - constituídas no âmbito histórico, cultural e social – e que giram em torno das feminilidades e masculinidades ditam certas regras que por sua vez vão delinear comportamentos, gestos, gostos e sentimentos pautados em uma concepção heteronormativa, quer dizer na imposição de que a heterossexualidade é tida como “norma” a ser seguida, destino “natural” ou seja, cada um já traz em sua essência. Essa

dualidade que é construída em torno dessa afirmativa poderá desencadear no confinamento e no descarte da possibilidade de percorrer ou não de se identificar com o preestabelecido para o seu corpo e com a genitália feminina ou masculina. Para tanto, iremos discorrer através dos estudos queers, considerados uma vertente bem importante do pensamento contemporâneo ocidental para ampliarmos nossa discussão.

Dessa forma, Athayde, estudiosa nas temáticas do gênero, sexualidade e estudos queer nos informa que:

As práticas que tentam colocar as crianças como não participantes sobre seus corpos e desejos, alegando que elas devem ser protegidas, na verdade, diz respeito a técnicas regulatórias que insistem em proteger não a infância, a inocência ou a criança, mas sim a heterossexualidade e a cisgeneridade (ATHAYDE, 2018, p. 339).

Em virtude dessa ideia defendida acima, Athayde (2018) nos afirma que além da norma voltada para a heteronormatividade existe também a possibilidade de se voltar para a cisgeneridade¹.

Partindo desse pressuposto, a cisheteromatividade tem por finalidade executar sobre os corpos, classificando-os e ao mesmo tempo se confrontando quando eles se deparam com sujeitos trans. Seguindo esse direcionamento, os corpos trans são tidos e vistos como aqueles que não valem à pena viver, gerando assim uma série de conflitos para os sujeitos trans

Neste sentido, Judith Butler (2015) nos afirma que os corpos que não se identificam com o gênero designado ao nascimento, a partir do sexo, ou que borram as fronteiras, do “macho” e da “fêmea” ficam fora do conceito de humano, constituindo assim o domínio do desumano e do abjeto. Desta forma, compreendemos que desde a mais tenra idade, os corpos são educados por meio de processos e pedagogias distintas no âmbito familiar, escolar, comunitário, midiático, dentre outros.

1 Cisgeneridade - é a condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento em função do genital do corpo.

Assim, aceitar as diferenças é uma forma de superar o medo e a abjeção sofridos por aqueles que se identificam como “diferentes” pois é através de tais emoções e sentimentos que o sujeito queer adquire certa resistência para fazer valer a sua opção com vistas a viver as suas diferenças.

Tais construtos tensiona o que Jane Felipe (2019), professora e pesquisadora do gênero, sexualidade e infância compreende como scripts de gênero, que se referem às atribuições culturalmente definidas como masculino e feminino, produzindo assim diferenças que, por sua vez, desencadeiam nas expectativas corporais e sexuais como as vemos. De acordo com Felipe (2019), desde muito cedo as crianças vão compreendendo os discursos acerca ‘do que é ser “menino” ou “menina” e do que é permitido a cada um/a’. Assim, desde que nascem, os bebês recebem marcas que os identificam a partir das expectativas de gênero presentes na cultura. Assim, os acessórios como brincos, pulseiras, são alguns exemplos de marcadores da generificação do mesmo modo que as cores e as roupas o mesmo acontece com os brinquedos e as brincadeiras que são disponíveis aos meninos e as meninas e que também se configuram como marcadores dessa expressão identitária de gênero.

Com os Scripts sexuais, segundo Felipe (2019), discorrem sobre o campo afetivo-sexual, ou seja, a forma como os sujeitos vivenciam seus prazeres e desejos corporais, combinando assim relações de afeto e/ou de interesse sexual para com os outros indivíduos, que podem ser do mesmo sexo (homossexuais), de ambos os sexos (bissexuais), do outro sexo diferente do seu (heterossexuais).

A partir de tais conceituações e retomando a problematização em relação à tríade sexo-gênero, identidade e sexualidade, nos debruçaremos sobre as identidades consideradas transgressoras (BENTO, 2008), tais como as identidades trans e suas (im) possibilidades de manifestação na infância. Valendo ressalta que para pensarmos em infâncias e transexualidade, lidaremos com uma ruptura nos jogos de poder que produzem um pensamento sobre o sujeito infantil de forma a-histórico, natural e universal. Neste exercício, voltamos nosso olhar para outras formas de infância.

Preciado (2013), filósofo e escritor feminista, ao escrever sobre a criança queer. Seu texto, “Quem defende/protege a criança queer?”, reafirma uma forte crítica ao sistema heteronormativo que

vigia e busca transformar as crianças em heterossexuais de forma compulsória. Sendo assim, há uma infância queer construída e vivenciada pelos sujeitos infantis que escapam da cisheteronormatividade. Ou seja, existe um modo de vida queer que ultrapassa essas infâncias e constrói o que Foucault (2010) denomina de “estética da existência”. Esta existência, mesmo atravessada pelo poder, luta em um processo de artesanaria de si produzindo outras formas de ser.

Em torno dessa temática, Berenice Bento, em sua entrevista concedida a Diego Madi Dias (2014), critica as concepções de infância trans ou de criança queer. Pois, para ela, os sujeitos infantis, são símbolo de amor, cuidado e proteção, e assim sendo, precisamos deixar as crianças livres, pois elas possuem a necessidade de realizar experimentações que transitam e brincam com os gêneros. Desta forma, acreditamos que as crianças são sujeitos que estão construindo diariamente sua relação e interação com o universo que a cerca. Neste sentido, elas encontram-se em um processo constante de experimentar para conhecer, o que acontece por meio das brincadeiras e interações com o outro e com o ambiente. Este movimento, por sua vez, tensiona os scripts de gênero, na medida em que neutraliza as normas sociais e culturais. Portanto, cabe aos educadores ampliar as reflexões acerca desses temas, para que possamos construir posturas mais empáticas, acolhedoras e compreensivas com o fato das crianças brincarem com os gêneros e (re) escreverem seus próprios scripts.

Considerações Finais

Entendemos que a sexualidade na Educação Infantil gera ainda muitos conflitos entre família – escola – educadores e que, abordar esse tema ainda requer muito preparo no lidar com crianças que estão se desenvolvendo, se descobrindo a si mesma e aos outros. Há ainda aqueles que esquece que a sexualidade e a forma de viver são fabricadas, produzidas e ensinadas ao longo da vida. Em contrapartida, a sexualidade e suas atribuições de gênero persistem há mais de três séculos permanecendo revestida e encorpada de muito preconceito e, é vista na sociedade como algo indecoroso e feio,

constituindo assim um caráter meramente reprodutivo. Todos aqueles que vierem a ultrapassar com tal fronteira será discriminado tratado com indiferença pelo simples fato de estar fora dos padrões tido como “normal”. Quer seja na família, na escola ou através dos meios midiáticos, as crianças irão entrar em contato com esse universo e explorá-lo de acordo com as informações que são repassadas gradualmente. As manifestações sexuais se dão efetivamente na Educação Infantil a partir de brincadeiras, da descoberta do seu próprio corpo e do corpo do outro. Cabe assim a escola estar preparada para tal demanda e proporcionar a essas crianças um tratamento adequado e condizente com sua faixa etária, sem repressões, silêncios e castigos.

Por sua vez, se faz necessário desmistificar os binarismos existentes e defendidos ainda hoje em nossa sociedade assumindo uma postura aberta às diferenças onde meninos e meninas estejam juntos, compartilhem e possam viver suas identidades com base no respeito às diferenças existentes. Para tanto é preciso criarmos um ambiente educativo aberto e distorcido para incluir as sexualidades dissidentes, ou seja, os corpos que atravessam as fronteiras e borram o gênero e a sexualidade.

Concluimos que ainda há muitos desafios a serem superados no caminho da sexualidade, do gênero, da identidade e da diversidade na Educação Infantil e que, diversos são os fatores que contribuem para isso, portanto uma emergente postura positiva em relação a desmistificar tais temas seria uma das formas de se conseguir avanços nesse campo de estudo ainda restrito por aqueles que trazem intrinsecamente em seu interior posturas binárias e preconceituosas oriundas de uma sociedade e cultura sexista ainda vigente.

Referências

ATHAYDE, T. Infância e cisheteronormatividade. In: POCAHY, F.; CARVALHO, F. da S. P. de; COUTO JUNIOR, D. R. (org.). Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde. Aracaju: EDUNIT, 2018



BARBOSA, Maria C. S. Praticar uma educação para a diversidade no dia-a-dia da escola de educação infantil. In: FRANCISCO, Denise A.; MENEZES, Mireila S. Reflexões sobre as práticas pedagógicas. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

BENTO, B. A. de M. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à Pedagogia In: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. FAUSTINO, Rosângela Célia. Educação e Diversidade Cultural. Maringá: EDUEM, 2010

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.p.42

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. Sexualidade (s) Infância (s): A sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas 1999.

FELIPE, J. Scripts de gênero, sexualidade e infância: temas. In: ALBUQUERQUE, S. S.; FELIPE, J.; CORSO, L.V. (Org.). Para pensar a docência na educação infantil. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p.



236-248.

GUSMÃO, Neusa M. M. Desafios da Diversidade na Escola. Revista Mediações, Londrina, v.5, n.2, p.9-28, jul/dez, 2000

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2011

PRECIADO, B. Quem defende a criança queer?. Liberation, 2013. Artigo publicado em: 14 jan. 2013
< http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-enfantqueer_873947>

SILVA, J. P. de L. Crianças queer no currículo escolar: demandando visibilidade e bagunçando as normas de gênero. In: PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. da S. (Orgs.). Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades. Belo Horizonte: Mazza Edições , 2018. p. 261 – 278.